

Asilo improvisado

■ Hospital vira casa de quem não tem para onde ir

Nas grandes emergências do Rio, como as dos hospitais Miguel Couto e Souza Aguiar, o pouco espaço para o grande volume de doentes precisa muitas vezes ser dividido com os chamados casos sociais. São mendigos, guardadores de automóveis, prostitutas, gente que vive nas ruas ou idosos que precisam de cuidados especiais e acabam abandonados pela família. Eles chegam aos hospitais em ambulâncias dos bombeiros e se tornam *hóspedes* por tempo indeterminado. Este também é um dos itens que oneram as unidades de Saúde do município.

No Miguel Couto, funciona num canto da emergência do primeiro andar o que os médicos chamam de *Fundação Leão XIII* — um asilo improvisado. No dia 8 de junho, estavam internados ali três pacientes. Carlos César de Souza, 37 anos, atropelado em abril, tem pro' lemas psiquiátricos e está com as pernas gessadas. Antônio Batista dos Santos, 35 anos, precisa de curativos diários no couro cabeludo. José Couto dos Santos, 74 anos, sofre de demência senil. Todos poderiam tratar-se em casa, mas não têm para onde ir. Os médicos tentam transferir José para uma clínica geriátrica conveniada com o Sistema Único de Saúde, mas ele é recusado por não ter família e acaba ficando no hospital.